

AJ20061

ESTE MENINO ESTÁ MORRENDO (DE FOME)

O pai, pedreiro, desempregado, cata lixo. A mãe, de 24 anos, cuida dos 5 filhos no terreno que eles invadiram no Contorno de Vitória, quando veio de Teixeira de Freitas. Um dos filhos, Israel, de 3 anos, está morrendo de fome.

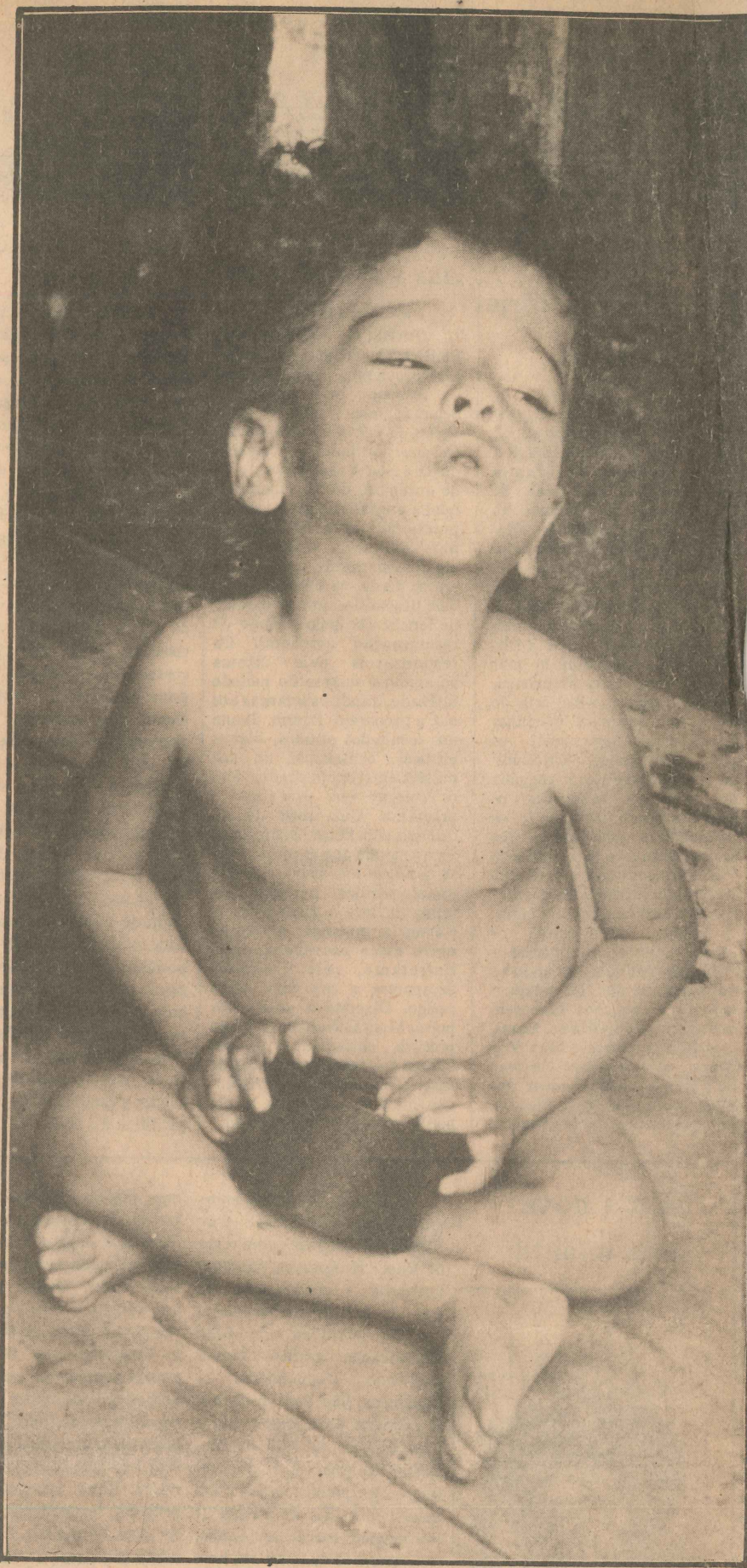
Fotos de Heló Sant'Anna



Israel Alves dos Santos, de 3 anos de idade, está morrendo. Ele faz parte de uma das 300 famílias que invadiram o mangue na estrada do Contorno, perto do bairro São Pedro, a maioria vinda de Teixeira de Freitas, no sul da Bahia. O pai, Gildásio Alves dos Santos, pedreiro, está desempregado. A mãe, Teresa, permanece vigiando o pedaço de 2x3 metros que eles encontraram e no qual pretendem erguer um barraco, futuramente.

Na impossibilidade de emprego, Gildásio cata lixo, enquanto Teresa cuida dos cinco filhos. Ela tem 24 anos e teve o primeiro aos 15 anos. Gildásio tentou a sorte no Rio, e em São Paulo pegou "uma bronquite". O médico da empresa recomendou-lhe um clima quente, que "ficasse longe de São Paulo e Paraná".

Teresa procurou a LBA, mas diz que lhe negaram leite porque não tem documentos (o marido perdeu todos). Procurou um outro médico que lhe recomendou dar vitaminas a Israel. Como não tem comida, Israel recebe pedaços de terra. Tem três anos, mas aparenta muito menos. Ele está literalmente morrendo de fome. O texto abaixo faz parte do livro de reportagens Lugar de Toda Pobreza, que enfoca o problema do lixo e da invasão





Amylton de Almeida

Porque há aqueles instantes de conciliação e trégua. Até onde a vista alcança, é de tarde. É outono, o sol dourado queima a pele do rosto. Quem tem chance, esconde-se debaixo de árvores. Há fumaça em toda a extensão da invasão, mas ninguém trabalha. É hora do almoço? Daqui a pouco, o sol estará indo embora. É um instante de trégua, porque nenhuma guerra é contínua. Pode ser que amanhã voltem a polícia e o oficial da Justiça. Mas este é um instante de trégua. É, sim. Este é o silêncio que antecede as batalhas. O campo é vasto, centenas de pessoas o ocupam.

E, no chão, está Israel.

De longe, é possível acreditar, porque ele tem a cabeça erguida e os olhos fechados, sem se mexer, que este é o instante da alegria — porque, mesmo na miséria, é possível aproveitar os raios de sol no rosto? Este é o instante da alegria? É possível erguer a cabeça inteiramente, fechar os olhos, respirar o ar que carrega o cheiro de fumaça e de matos queimados e sentir alegria? Porque os raios de sol são como um reflexo em seus longos cabelos, alvoraçados e louros — ali, ao sol que desconhece a invasão, as batalhas e a trégua. Estaria Israel, de pura felicidade, curtindo o sol?

Começa a soprar o vento sul, atingindo o rosto imóvel, erguido, de Israel — que, no entanto, de longe, parece estar dormindo, sentado. Não dormindo: usufruindo do momento de trégua, os raios de sol sobre sua pele. É como se fosse uma estátua, um santo, um Buda: ele está imóvel e o momento é só dele. Há desses instantes, em que o mundo parece ser de uma só pessoa. Ou, pelo menos, o momento.

Só quando se chega perto, porém, é que se percebe que aquela é uma estátua que contém o horror, o horror peculiar e um colapso físico. Ele é inteiro, não precisa entender o mundo porque é uma criança. Numa atitude delicada que o

torna ainda mais desconhecido. Queima-se matos, sai fumaça, os insetos voam, há silêncio em toda a invasão. Israel, o menino, desconhece o mundo — de olhos fechados, de cabeça erguida como numa acusação muda.

Quando se chega mais perto, o horror cede lugar ao pânico e é preciso controlar o grito profundo, o grito mais profundo. É preciso fechar violentamente os olhos para não ver mais. É preciso continuar a viver, o terror de viver que erica todos os pêlos: certa e enfaticamente não existe Deus, uma vez que Israel é a prova.

Só quando se chega mais perto deste menino, de pernas cruzadas como um Buda, imóvel como todas as imagens de Santo, é que se percebe — é preciso chegar com delicadeza — que Israel tem a boca aberta. É o ato de sugar, e ele está sugando o ar. Seus dentes estão todos caindo. A mão esquerda, fechada, atinge o pé direito. A mão direita permanece sobre a perna direita. Israel tem cabelos louros e encaracolados, que ninguém certamente afaga. Seus cílios são enormes e negros, um detalhe de doçura que ninguém beijará. Israel, imóvel, respira.

É como se fosse numa igreja: é preciso entrar com silêncio e reverência, com inclinações e cabeça descoberta. E, no altar, nesse chão de barro, permanece Israel. Perto dele, ninguém pode falar outra coisa exceto:

— Meu Deus, meu Deus.

Porque é preciso rezar diante dele. É uma igreja dos primórdios das religiões — ao descampado, com redemoinho, que traz poeira e que cai sob o seu rosto. É outono, o vento sul carrega poeira e Israel tem a cabeça erguida e os olhos fechados, sob o dourado indiferente do sol. Israel não vê? Israel sente frio? Israel sente calor? Se Israel morrer, fará milagres. Virão de longe, até mesmo a cavalo. Virão de florestas, de Minas, Bahia e Estado do Rio. Ele é o anjo do Senhor que anunciou a Maria? Os desenganados, os feridos, os cancerosos, os adúlteros, as adolescentes apaixonadas e seus bilhetes, prin-

cipalmente os suicidas, os namorados, os recém-casados, as mulheres grávidas — todos virão, em romaria, em busca do milagre. Israel é capaz de milagre, com seus 30 centímetros, seus braços finos como juncos de beira de rio, sua barriga enorme, seu calombo nas costas, sua imobilidade e a luz de seu rosto.

Israel jamais poderá inventar Deus, por isso poderá fazer milagres. Em seu nome, os famintos e os miseráveis poderão construir cidades, ocupando mangue enquanto comem do lixo. Em seu nome poderão ser feitas guerras contra a injustiça, a violência, a opressão, e a ganância. Israel jamais poderá ser padroeiro de nada, exceto de cidades de migrantes. Em nome de Israel, também, um homem poderia prometer uma cidade a uma mulher.

Quem pode se aproximar mais e mais de Israel, o santo que parece benzer o sol, por osmose, é dona Leda, a líder dos caçadores, uma mulher de 54 anos, que não ergueu cidades mas liderou famintos. Uma mulher cuja compreensão não é bastante profunda para incluir misericórdia e perdão, os atributos de todas as religiões. A compreensão de dona Leda é rasa, é aquela que exige a fúria, contra todos os homens, que fazem filhos mas ainda chamam Deus numa tempestade em alto mar ou no momento de um afogamento. É a voz de dona Leda que grita por cima de todos os sons que o cenário imenso e lerdo da invasão pode provocar aos ouvidos humanos. É a fúria de quem foi mãe e não teve filho assassino. Modesta em sua fúria, sem culpa, ela pode gritar. Nenhum cachorro ousará latir. Nenhum bicho se move. Todos os seres humanos se aquietam, indecisos e envergonhados pela culpa fundamental! dona Leda está gritando. Humilde em sua ira, ela não pensa: só grita. Quem ousaria ouvir? Porque Israel está doendo.

No entanto, ele permanece imóvel, na mesma atitude — cabeça bem erguida, os olhos cerrados. Não é uma manjedoura, ninguém vai lhe trazer ouro, incenso e mirra, mas ele também é um filho. Onde

em São Paulo pegou uma bronquite". O médico da empresa recomendou-lhe um clima quente, que "ficasse longe de São Paulo e Paraná".

Teresa procurou a LBA, mas diz que lhe negaram leite porque não tem documentos (o marido perdeu todos). Procurou um outro médico que lhe recomendou dar vitaminas a Israel. Como não tem comida, Israel recebe pedaços de terra. Tem três anos, mas aparenta muito menos. Ele está literalmente morrendo de fome. O texto abaixo faz parte do livro de reportagens Lugar de Toda Pobreza, que enfoca o problema do lixo e da invasão no Contorno de Vitória a partir do documentário da TV Gazeta.



estão o boi e o jumento? Não é noite, ainda é ninguém anunciou a chegada da estrela. A mãe, Teresa Alves dos Santos (quantos brasileiros são Alves? Quantos brasileiros são Santos?) — cumpriu sua função: ela apenas olha, a mãe do menino que não será ofertado com ouro, incensa, mirra. Em seu mistério, ela não precisa explicar nada. Ela ouve os gritos de dona Leda, mas sabe que não há perigo: ela é a mãe, assim como dona Leda foi mãe. Não importa que haja um tom melodramático ou irreal na atitude de dona Leda, que grita aos céus: nessa atmosfera, toda alucinação é possível.

E, então, novamente o silêncio, procedendo a solenidade do amor: dona Leda também observa, a mãe informa: Israel, ao contrário do que aparenta, não tem seis meses e sim três anos. É prematuro, seu irmão gêmeo morreu ao nascer. Veio de Teixeira de Freitas, na Bahia. Seu marido é pedreiro, perdeu todos os documentos, está desempregado. Ela tem 24 anos, teve o primeiro dos quatro filhos aos 15. Foi na LBA conseguir leite, mas "eles disseram que não tinha vaga". Um médico, uma vez, recomendou-lhe dar vitaminas e muitas frutas. Nunca é possível.

Mas há silêncio e há o olhar grande de dona Leda e uma tepidez de gravidez. Não há mais ira, nenhum anjo marcaria as casas, ninguém precisaria desviar o olhar: a estátua Israel não transformará quem quer que seja humano numa estátua de sal. Ele é o pastor, esse menino, e nada faltará, mesmo aos que têm fome e constroem uma cidade nessa invasão que não tem mais fim, não tem mais fim, não tem mais fim. Ele tem nome de cidade, esse anjo de gesso.

Era para Israel ser a alegria dos homens, embora não tenha nascido na manjedoura. Ele não tem manto, mas esse seria leve e seu jugo suave. Foi para ele que disseram: afasta de mim a tua mão, e não me consterne o teu terror. Chama por mim, e eu te responderei; ou então falarei eu, e tu responde-me.

E, no entanto, Israel não ouviu: ele não ouve, não vê, não aspira. É uma estátua de gesso — assim, de cabeça bem erguida, os olhos fechados, recebendo o sol dourado em seu rosto, com a mãe e dona Leda, mudas. Israel é tão pobre como Jó, na Bíblia, trazendo a vida nas mãos (Porque, perto de Israel, é preciso rezar, para que ninguém chore sobre si mesmo).

Israel é feito de barro? Ao redor de sua boca, ainda há restos do material que não é morno nem frio, e ele não cuspiu. O solo sobre o qual se anda. Com argila e água, tijolo, se faria as casas da cidade de Israel. É um anjo feito de terra, mesmo que a escultura seja desproporcional em conjunto: a barriga enorme, as costelas à mostra — com as quais um dia se faz o ser que anda sobre duas pernas, controlando a vontade irreversível de rastejar. Israel rasteja: mal consegue se equilibrar nas

pernas frágeis. Os cabelos ao vento, daqui a pouco chegará a primeira estrela e talvez, com ela, o boi e o burro. Reza-se nesta igreja ao descampado: o anjo que come terra aproveita os últimos instantes de sol — de olhos fechados, a cabeça bem erguida, os lábios fechando e abrindo, no sempiterno horror de mastigar. Israel, sem dúvida, teria seu nome inscrito nas primeiras cavernas.

No entanto, há silêncio — a mudez que ocorre depois de um crime, de um ato de violência. Não há velas acesas, mas só se poderia dizer, como dona Leda em seus instantes de fúria, apenas a frase "Meu Deus". Essa escultura de barro respira. E não há, então, como fugir do fato, inteiro e redondo, tépido e tenro como criança que nasce: Israel Alves dos Santos, de 3 anos de idade, está literalmente morrendo de fome.